

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT06.007](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT06.007)

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NO ENSINO REMOTO EM TEMPO DE PANDEMIA DE COVID-19

[Maria do Socorro Lopes da Silva](#)

Doutoranda do Curso em Educação da Universidade Estadual do Ceará - UECE, socorrolopes.mi@gmail.com;

[Daliane do Nascimento dos Santos Rodrigues](#)

Doutoranda do Curso em Educação da Universidade Estadual do Ceará - UECE, dalia-nascimento@yahoo.com.br;

[Cícero Henrique Rodrigues](#)

Graduado pelo Curso de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, chenriquerodrigues87@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo objetiva compreender os desafios e possibilidades de práticas pedagógicas para a diversidade étnico-racial no ensino remoto em tempo de pandemia de COVID-19. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratório-descritiva, para a coleta de dados, utilizamos o aplicativo *Google Forms* com perguntas abertas aplicadas a três professores de uma escola pública de Educação Básica no interior do Ceará. O presente estudo segue delineando conceitualmente as categorias e suas interações com os níveis de vivências de docentes embasados em teóricos, tais como: Santos (2008); Lima (2001); Munanga (2005); Anastasiou (2015); Mora (2010); Imbernón, (2011); Tardif (2002); e Mizukami (2004). O docente, em sua atuação, necessita de formação que possa refletir seu papel enquanto constituidor de variadas funções que perpassam o exercício da docência de uma forma complexa e significativa e que interfere diretamente nas

vidas dos discentes, tendo em vista que nas práticas pedagógicas dos docentes é sempre um desafio conduzir esse processo educacional, pois convive-se diariamente com o preconceito, discriminação e relações conflituosas. Assim, faz-se necessário suscitar reflexões, visões e ações de respeito e tolerância. O conjunto de dados revelou que o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação em virtude da pandemia de COVID-19, os desafios se intensificaram, desencadeando responsabilidades que jamais se esperava ao desenvolvimento profissional docente, o que causou precarização do trabalho, pois além da não preparação para tais ações, o ensino remoto traz a limitação na interação através de uma tela de um computador ou celular, trazendo de volta a ideia tradicional e tecnicista de que ensinar é papel do professor e aprender cabe apenas ao discente. Os resultados ainda sinalizam que a falta de uma efetiva ação de integração entre todos que constituem a escola ocasiona um distanciamento dos objetivos propostos nos documentos norteadores de uma educação para a diversidade étnico-racial.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas, Diversidade étnico-racial, Ensino remoto.

INTRODUÇÃO

No decorrer do processo histórico, a exclusão de pessoas negras se manteve, mesmo com o avanço significativo de todo o aparato legal que busca e luta pela igualdade de direitos e para o cenário educacional ainda é desafiador enfrentar o racismo estrutural.

Vivemos em uma sociedade multicultural, o que deixa-nos transparecer diferentes costumes, tradições e crenças em diversos espaços, demonstrando uma relação de disputa de poder. Corroboram Silva e Júnior (2017, p.303) quando afirmam que “é possível chegar à conclusão que se vive numa sociedade complexa e multicultural que está envolta por uma lógica de capital que incentiva os seres humanos ao individualismo e à competitividade, prevalecendo a perspectiva da eliminação do outro e do não reconhecimento da diferença [...]”.

Justificadamente, diante do cenário vivenciado, constata-se a relevância da discussão da categoria diversidade étnico-racial na perspectiva das práticas educativas através do ensino remoto e diante das matrizes curriculares.

Além desse cenário enfrentado pelos docentes, no ano de 2020 o ensino remoto surgiu como mais um desafio, já que foi implantado de maneira emergencial em virtude da crise sanitária causada pela pandemia de COVID-19, havendo a necessidade do distanciamento social para evitar contaminação. Na busca de continuar o processo educacional abrangendo desde a educação básica ao nível superior, houve uma corrida às plataformas digitais e à adesão imediata ao novo modo de ensino, sem uma ampla preparação dos docentes e dos demais envolvidos no processo ao ensino remoto com a responsabilidade na condução do ensino e aprendizado. Mizukami (2004, p.38) afirma que “a base do conhecimento para o ensino consiste de um corpo de compreensões, conhecimento, habilidades e disposições que são necessários para que o professor possa proporcionar processos de ensinar e de aprender, em diferentes modalidades de ensino”.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que o docente, em sua atuação, necessita de formação para que possa refletir seu papel enquanto constituidor de variadas funções que perpassam em seu

exercício e que se apresentam de uma forma complexa e significativa incidindo diretamente nas vidas dos discentes.

É notório que a diversidade étnico-racial pode e deve ser trabalhada em todas as áreas do conhecimento, pois é pertinente ao contexto diário e contribui na formação dos sujeitos, possibilitando reflexões e posicionamentos críticos diante os desafios postos na sociedade, tendo em vista que durante o processo das práticas pedagógicas docentes convive-se com o preconceito, a discriminação e diversas relações conflituosas. Por isso faz-se necessário ações que suscitem reflexões e visões de respeito e tolerância.

Para Queiroz e Neves (2017, p. 80), as ações desenvolvidas de forma homogeneizadora favorecem a replicação de “[...] preconceitos, discriminações e episódios de violência física, provocados por confrontos entre identidades culturais relativas à raça, etnia, gênero, confissão religiosa, orientação sexual, geração, deficiência física e comunidades de referência”.

Então, é a partir da valorização, do respeito, da construção dos valores de uma identidade cultural que de fato se processa o desenvolvimento dos princípios de cidadania. Portanto, possibilita um emergir nas diferenças permitindo um diálogo frutífero dentro de um ambiente educacional.

Diante do exposto, o presente artigo objetiva compreender os desafios e possibilidades de práticas pedagógicas para a diversidade étnico-racial no ensino remoto em tempo de pandemia de COVID-19.

A metodologia centrou-se na abordagem qualitativa, do tipo exploratório-descritiva através de um questionário aplicado a três professores de uma escola da educação básica do interior do Ceará.

Destarte, o presente artigo segue delineando conceitualmente as categorias e suas interações com os níveis de vivências de docentes embasados em teóricos, tais como: Santos (2008); Lima (2001); Munanga (2005); Anastasiou (2015); Mora (2010); Tardif (2002); e Mizukami (2004). Finalizado a introdução, logo é apresentado a metodologia que permeia a pesquisa em busca dos achados. Na terceira seção, traz o conceito de diversidade étnico-racial: breve contextualização. Na quarta seção, apresenta-se a prática pedagógica e diversidade étnico-racial. Na quinta seção, intitulada de ensino: contexto e descontexto, apresenta o cenário educacional. A

sexta seção discute os dados encontrados e, por último, as considerações finais, fazendo um revide do objetivo proposto na pesquisa.

METODOLOGIA

A pesquisa orienta-se pela abordagem qualitativa, do tipo exploratório-descritiva, com abertura às informações e novos conhecimentos. Assim, seu “foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar” (MINAYO, 2013, p. 79).

Neste sentido, a realização da pesquisa se deu com os docentes que lecionam a disciplina de História em uma escola pública da educação básica no interior do Ceará. Tratava-se de uma escola de médio porte com 530 alunos e 22 professores de variadas áreas do conhecimento. Dos professores que lecionam História, escolhemos três de forma aleatoriamente.

Para a coleta de dados, utilizamos o aplicativo *Google Forms* com perguntas abertas, utilizando o celular como ferramenta de acesso rápido e preciso em virtude do distanciamento social. Na assertiva, foi solicitado a autorização através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando o rigor científico do estudo e a seguridade dos participantes. O questionário online é acentuado por Pereira (2009), como um recurso de fácil acesso, pois as respostas são criadas e gravadas online, agilizando o processo da pesquisa e uma aproximação maior com a realidade, além de contribuir com o distanciamento social e podendo ser acessado em momento necessário.

Logo após, os dados colhidos foram transcritos e interpretados conforme a análise de conteúdo de Bardin (2011) e com o referencial teórico, constatado nos tópicos adiante tecendo os dados. Para manter o anonimato dos sujeitos pesquisados, foram identificados por alfanúmeros: Professor 1 (P1), Professor 2 (P2) e Professor 3 (P3).

DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

As marcas históricas deixadas através dos elementos culturais sempre trouxeram à tona aspectos ideológicos, supervalorizando a

cor branca e desprestigiando os de origem africana, consequentemente, classificando-os hierarquicamente e produzindo exclusões.

Essas relações de poder em relação a cor da pele, sempre foram estabelecidas no contexto social, causando desconfortos e interferências nos mais diversos âmbitos sociais, econômicos, culturais, religiosos, políticos e também educacionais.

Dessa forma, a diversidade étnico-racial que poderia ser elemento agregador e de aprendizado nos mais variados setores sociais, geralmente é marca para a discriminação e hierarquização para muitos sujeitos.

No que concerne o cenário educacional, as relações de poder são visibilizadas através do currículo adotado, pois ao longo de nossa história tem se traduzido em um currículo hegemônico, o que se traduz na falta de valorização de diferentes culturas.

As várias dificuldades encontradas, associadas à falta dos devidos esclarecimentos de um trabalho crítico e de forma ampla, que desvele em específico o movimento negro, este que atualmente passaram a colocar em evidência com a propagação de luta em prol dos direitos constituídos e muito tem contribuído para o desenvolvimento do saber, este que colabora com reflexões pertinentes aos sujeitos sociais a se posicionar e lutar por direitos que ao longo do tempo foram negados (SANTOS, 2007).

Desde o processo histórico da abolição dos escravos, vários conceitos de raça emergiram dando continuidade ao processo de exclusão e desigualdade dentro da sociedade, mostrando sempre as relações de disputas. Assim, enquanto prestigiam uns, desqualificam outros, e nessa relação de exclusão, alguns se manifestaram na luta pela igualdade. Pois, enquanto alguns sofriam grandes consequências de subordinação, outros descavam-se em reivindicar pela igualdade cidadã e a constituição dos direitos.

Em conformidade, Santos (2008, p. 30) afirma que:

os afrodescendentes devem ser reconhecidos em nossa sociedade com as mesmas igualdades de oportunidades que são concedidas a outras etnias e grupos sociais, buscando eliminar todas as formas de desigualdades raciais e resgatar a contribuição dos negros na formação da sociedade brasileira e, assim,

valorizar a história e cultura dos afro-brasileiros e africanos.

Neste sentido é que a escola deve ser primordialmente o local de reflexão e superação de todas as relações de segregação e desrespeito, independentemente de qualquer característica que difere os seres humanos.

Com a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que instituiu a inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo da Rede de Ensino (BRASIL, 2003), que surgiu a partir de reflexões e pressões após “III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Correlatas de Intolerância”, onde estiveram presentes diversos organismos do Brasil que lutam contra a discriminação racial, vários direcionamentos foram dados no cenário educacional. Porém, ainda há muito a progredir no sentido de sua efetivação, seja, no sentido de a temática chegar até os alunos, ou seja, na formação e preparação dos profissionais da educação em trabalhá-la no cotidiano escolar. Para tanto, refletiremos a seguir sobre as práticas pedagógicas com a temática diversidade étnico-racial.

PRÁTICA PEDAGÓGICA E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL

Atualmente, o trabalho desenvolvido pelo professor é marcado por exigências de um neotecnicismo para atendimento de uma política de resultados e produtividade. Essa prática, sem uma devida reflexão, traz várias problemáticas, inclusive por esvaziamento da essência da profissão. Pimenta (2018) afirma que os organismos internacionais e de mercado da educação buscam a formação de um técnico prático isolando a teoria, que não reflita, não tenha o senso crítico e que seja apenas um multiplicador de tarefas. Para esses docentes, ao se depararem com essa situação, há um confronto de diferenciação com as orientações recebidas na formação inicial, fato que angustia, confunde e desvirtua a prática docente.

Para Lima (2001, p. 67), “a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria”. Não obstante, a referida autora reflete que a prática deve ser entendida como práxis, numa junção

teórico-prática, objetivando uma ação mais humana e transformadora do contexto de realidade.

Dessa forma, a prática pedagógica vai além de meras técnicas de reprodução. Deve favorecer uma relação de construção e ressignificação de valores mútuos, de trocas de experiências significativas que efetivem a motivação, a vontade de construir juntos, do aprender, refletir e que de fato os sujeitos possam se posicionar de forma crítica diante das situações adversas postas no contexto social.

Neste interim, os professores necessitam desenvolver práticas que abordem temas relevantes que desvelem circunstâncias de discriminação e desrespeito, a exemplo da diversidade étnico-racial, circunstâncias essas, que são pertinentes pelas várias situações de conflitos existentes dentro da própria escola e nos mais diversos níveis e contextos sociais.

Para Munanga (2005, p. 15),

[...] alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional.

Considerando que todos esses elementos são condicionantes na realização de práticas que proporcionem o devido esclarecimento na tematização e problematização de experiências vivenciadas pelos alunos, o corpo docente da escola deve abordar no currículo a diversidade étnico-racial, independente da área do conhecimento, pois trata-se de um tema que perpassa todos os campos do conhecimento e ainda encontra-se ancorada na Lei 10.639/2003 que aborda as questões étnico-raciais em sala de aula.

Conhecer e refletir sobre essa lei coletivamente dentro do universo escolar, com todas as suas implicações e amplitude, primando sempre pela constituição de ações mais efetivas em seu cotidiano, trata-se de um dever educacional e social, principalmente em um contexto de pandemia em que o ensino remoto torna a práxis educativa ainda mais desafiadora para todos os envolvidos no processo educacional.

ENSINO REMOTO: CONTEXTO E (DES)CONTEXTO

Para entender um pouco sobre o ensino remoto implantado de forma emergencial é preciso refletir sobre o processo de utilização das tecnologias educacionais. Logo, o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), mais do que necessário para manter conectada uma comunidade educacional, pode subsidiar as relações e promover a aprendizagem, desde que assegurada o uso pedagógico dessas tecnologias.

A constituição do ensino e aprendizagem e sua efetivação com o uso das TDICs, requer uma preparação docente para o desenvolvimento dessa inclusão à prática pedagógica. Portanto, se faz necessário um planejamento que articule essas ferramentas com as possibilidades de ações que efetivem o aprender, assim como também a avaliação das possíveis limitações que podem surgir no decorrer do processo.

Com a necessidade da implantação do ensino remoto com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação em virtude da pandemia de COVID-19, os desafios se intensificaram, desencadeando responsabilidades que jamais se esperava ao desenvolvimento profissional docente, o que causou precarização do trabalho do professor, pois além da não preparação para tais ações, o ensino remoto traz a limitação na interação através de uma tela de um computador ou celular, trazendo de volta a ideia tradicional e tecnicista de que ensinar é papel do professor e aprender cabe apenas ao discente.

Assim, se eu expliquei um conteúdo, mas o aluno não se apropriou, posso dizer que ensinei, ou apenas cumpri uma parte do processo? Mesmo tendo uma sincera intenção de ensinar, se a meta (a apreensão, a apropriação do conteúdo por parte do aluno) não se efetivou plenamente, como seria necessário, ou esperado, para prosseguir o caminho escolar do aluno, posso dizer que ensinei? Terei cumprido as duas dimensões pretendidas na ação de ensinar? (ANASTASIOU, 2015, p. 2).

Esses questionamentos que a autora traz à tona, faz-nos repensar que ao longo do processo histórico, ora a postura do professor

foi centro do cenário do ensino e aprendizagem e ora o aluno se tornou o centro, como protagonista e produtor do conhecimento.

Nóvoa (2020, p. 9) acentua que:

[...] as melhores respostas à pandemia não vieram dos governos ou dos ministérios da educação, mas antes de professores que, trabalhando em conjunto, foram capazes de manter o vínculo com os seus alunos para os apoiar nas aprendizagens. Em muitos casos, as famílias compreenderam melhor a dificuldade e a complexidade do trabalho dos professores. Isso pode trazer uma valorização do trabalho docente e criar as condições para um maior reconhecimento social da profissão.

Neste sentido, importa salientar que quando é promovida a interação na relação entre os docentes, entre os pares, as trocas de vivências possibilitam benefícios coletivos fortalecedores e motivadores da aprendizagem significativa.

Ensinar bem significa, em essência, emocionar primeiro (despertar a curiosidade, um dos ingredientes básicos da emoção) e, a partir disso, abrir as portas da atenção e pôr em marcha os processos de aprendizagem e de memória. A Neurociência ensina que o que se recorda melhor é sempre aquilo cujo conteúdo tem um ingrediente emocional, aquele conteúdo que tem um significado importante para o aluno (MORA, 2010, p.1).

É notável as dificuldades encontradas pelos docentes no ensino remoto. Apesar disso, levamos em consideração as possibilidades diante dos esforços em garantir novas práticas para que a aprendizagem dos discentes ocorra, não esquecendo de despertar o nível emocional, abordando temáticas interessantes e atuais reverberando esse novo cenário, levando em consideração de que essa vivência não faz parte de seu cotidiano e nem dos discentes. Portanto, os limites são claros, mas essas ações também possibilitaram reflexões que no momento faziam parte do contexto e vivência social.

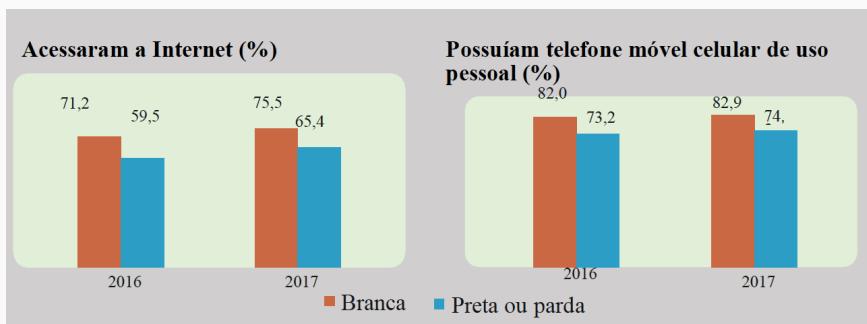
Depreende-se que a diversidade étnico-racial, mesmo em aulas remotas, é uma importante abordagem que traz em sua dimensão uma melhor compreensão de posicionamentos e

desigualdades sociais, permitindo uma visão sobre o novo prisma, seja no contexto histórico ou nas dimensões políticas, econômicas, educacionais e na atual conjuntura social.

TECENDO OS DADOS

Buscando descrever melhor os desafios do ensino remoto no cenário brasileiro, verificamos através dos dados do IBGE que as pessoas brancas ainda superam as pessoas pardas e pretas na utilização da internet e posse de celular como demonstrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade que acessaram a Internet e possuíam telefone móvel celular



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016-2017.

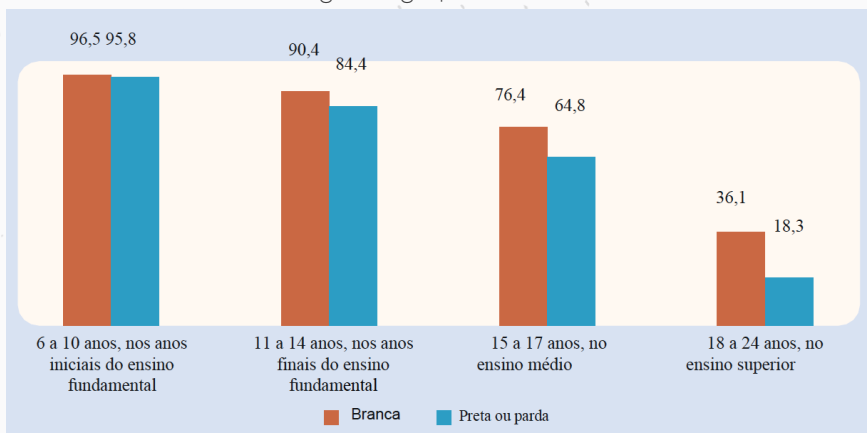
É visível o aumento entre os anos de 2016 e 2017 da população com acesso à internet e celular móvel. Ainda assim, evidencia-se que prevalece a população branca no acesso à internet e no uso do celular em relação a população preta ou parda. Esses dados, ilustram a desigualdade social que se arrasta no decorrer da história e a falta de oportunidade em variados aspectos, sejam eles econômicos, políticos ou sociais.

Dentro desse aspecto, esse cenário descrito, torna-se desafiador no desenvolvimento do ensino remoto, visto que para ser incluso nesse processo, faz-se necessário a anexação de equipamentos com internet. Dessa forma, grandes são os limites para os professores, gestores escolares, pais e discentes.

Ainda descrevendo a atual conjuntura educacional, analisamos o panorama geral em relação a frequência de pessoas brancas,

pardas e pretas nos diferentes níveis de estudo e idade, conforme o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Taxa ajustada de frequência escolar líquida da população residente de 6 a 24 anos de idade, segundo grupos de idade e nível de ensino (%)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2018.

De acordo com o Gráfico 2, visualizamos que a frequência de crianças brancas, pardas e pretas aparecem em equilíbrio nos anos iniciais do ensino fundamental, enquanto nos anos finais há uma tímida diferença, o que nos leva a reflexão do acesso e permanência dos discentes em relação a cor quase equiparada. No entanto, isso se agrava no ensino médio e principalmente no ensino superior. Mesmo com as políticas de acesso, isso nos desvela e nos instiga a refletir sobre a questão racial no meio social e o seu impacto nas vidas desses sujeitos.

A partir da “igualdade nas diferenças” Candau (2008, p. 49) acentua que “[...] não se trata de, para afirmar a igualdade, negar a diferença, nem de uma visão diferencialista absoluta, que relativize a igualdade”, pois diante de um processo reflexivo e crítico é que vem à tona o debate sobre as variadas culturas e aspectos da diversidade étnico-racial.

Com o intuito de fomentar a discussão e visibilizar a seriedade da temática desse estudo e adentrar na compreensão dos desafios e possibilidades de práticas pedagógicas para a diversidade étnico-racial no ensino remoto em tempo de pandemia de COVID-19,

trazemos as falas de docentes para que possamos analisar a relação entre o fazer pedagógico e a diversidade étnico-racial. Quando indagados se a escola desenvolve algum projeto que contemple a diversidade étnico-racial, obtivemos as seguintes respostas: “Não.” (P1); enfatiza o próximo professor: “Não, apenas antes da pandemia no dia da consciência negra, alguns alunos se apresentavam” (P2); e ainda o último professor afirma: “Não conheço.” (P3).

Percebemos diante as falas as limitações da escola e dos docentes em abordar o tema, além de que se faz necessário refletir sobre o processo de formação desses profissionais, visto que devem ser reflexivos e investigadores, isto é, “formar um professor como um profissional prático-reflexivo que se defronta com situações de incerteza, contextualizadas e únicas, que recorre à investigação como uma forma de decidir e de intervir” (IMBERNÓN, 2011, p.41).

É imperioso ressaltar que o professor limita as suas práticas pedagógicas em virtude do não recebimento de uma formação que o prepare para o enfrentamento das incertezas e complexas situações do cotidiano, principalmente no que concerne à temática diversidade étnico-racial.

Seguindo a perspectiva da investigação, indagamos sobre a participação dos professores em formação para trabalhar com os alunos sobre diversidade étnico-racial e obtivemos os seguintes depoimentos:

Não, desde que entrei ainda não foi promovido formação com esse tema. (P2)

Não, nas formações é visto mais a questão de participação dos alunos, ajustes de conteúdo do livro didático. (P3)

As falas evidenciam que a formação contínua oferecida aos profissionais da educação, deixa-nos transparecer que o foco é apenas o conteúdo, totalmente enrijecida e que não proporciona a reflexão sobre a própria prática do professor, não promovendo a possibilidade de rever e de ressignificar esse processo de ensinar e aprender.

Lima (2008, p.198) acentua que “[...] a sociedade moderna tem exigido dos trabalhadores da educação desempenhos cada vez mais qualificados e eficazes para conviver com as contradições e os

problemas da sociedade [...] que se refletem na escola". Assim, a formação continuada se faz necessário quando não é imposta, mas quando é colocada de forma colaborativa e refletida com temas pertinentes ao cotidiano escolar.

Dando continuidade, foi indagado se o professor já se deparou com alguma situação de discriminação racial dentro da escola:

Sim, infelizmente acontece esse tipo de discriminação entre os próprios alunos a nível de "brincadeira", ou seja, bullying. (P1)

Sim, entre os próprios alunos, pois eles não se respeitam e não respeitam funcionários e demonstram até preconceitos com alguns professores. (P3)

De acordo com as respostas, vimos sinais visíveis da necessidade de uma efetiva articulação dentro da escola com um trabalho pedagógico que venha a impactar na forma de convivência de todos que compõem a escola. Tardif (2002) aponta três concepções de prática do professor: a primeira, enquanto arte; a segunda, enquanto técnica; e a terceira como desenvolvimento de uma consciência social, já que trabalham com sujeitos, pois o professor é a ponte que traz à luz da reflexão, proporcionando a produção de conhecimentos por parte dos alunos. Logo, a prática pedagógica é determinante para a escolha de temas relevantes na busca de construir uma postura autônoma e crítica.

Quando foram indagados se dentro da prática pedagógica costuma-se trabalhar com o tema diversidade étnico-racial:

Sim, fundamentado na Lei 10.639/03, sendo conteúdo obrigatório, trabalho com situações reais para que reflitam sobre as atitudes de intolerância e desrespeito. (P1)

Quando possível, procuro apresentar vídeos ou músicas sobre a temática levando-os a perceber que somos iguais dentro das nossas particularidades... (P2)

Sim, de vez em quando trabalho com reflexões de manchetes, vídeos trazendo situações de valorização da raça negra. (P3)

Analisando as falas dos docentes, percebemos ações pedagógicas ainda de forma tímida na relação do desenvolvimento de um trabalho entre os saberes escolares e a realidade social principalmente no que tange a diversidade étnico-racial, visto que a prática pedagógica é um dos elementos determinantes para a superação de diversas problemáticas de discriminação e preconceitos postas no cotidiano escolar, que merecem atenção e mediações que levem a reflexões através de diálogos críticos e que venham a impactar positivamente em mudanças diretamente na vida dos discentes.

Além dessas dificuldades, dando continuidade às reflexões, foi indagado sobre as possibilidades de trabalhar com a temática diversidade étnico-racial no ensino remoto:

Sim, através de vídeos. (P2)

Parcialmente, gerando diálogos e valorizando a efetivação da lei com uma formação mais humanística, através de rodas de conversa, leitura de textos curtos que envolvem essa temática, vídeos, etc. (P3)

Percebemos diante as falas dos docentes a dedicação e esforço mesmo no ensino remoto, mas são visíveis que as ações expressas se dão de forma isoladamente. Fica claro o modo como o ensino remoto impactou no isolamento dos docentes em relação as trocas de experiências e desenvolvimento das atividades e nas limitações da formação cidadã dos discentes.

Com o objetivo de refletir sobre a situação ora vivenciada, indagamos sobre os desafios enfrentados no desenvolvimento das práticas pedagógicas no ensino remoto:

A distância de fato dificulta, pois o ambiente influencia para um melhor desenvolvimento das atividades. No ensino remoto muitos são excluídos. (P1)

Os professores deveriam ter um melhor preparo e maior acesso aos meios didáticos para tornar suas práticas pedagógicas mais efetivas para poder realmente lidar no dia a dia com os alunos a fim de criar práticas e hábitos construtivos de respeito mútuo e amor ao próximo, respeitando a diversidade étnica, bem como a dignidade humana. (P2)

Falta de acesso da maioria à internet, falta de atenção... alguns alunos têm ficado muito à vontade e assim, acabam acumulando as tarefas para fazer depois deixando assim de ter o rendimento desejado em alguns casos. (P3)

A realidade expressada através das falas dos docentes nos permite refletir até que ponto se efetiva no contexto social as leis que estabelecem as garantias de direito dos cidadãos. Um dos importantes documentos que contempla todos os elementos norteadores educacionais é o Plano Nacional de Educação (2010) que em seu Art. 3 ressalta a “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual;” e no inciso 10 é enfatizado a “promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental”.

Nessa legislação, as metas estabelecidas são claras quanto a inclusão para uma educação voltada para a diversidade étnico-racial. Essa é uma diretriz clara que deve ser contemplada na educação básica.

Vários são os vetores que fortalecem o trabalho com a diversidade étnico-racial a ser desenvolvido no âmbito educacional, dentre eles podemos também destacar a ação do Movimento Negro, que

[...] deflagrou, em âmbito nacional, um processo de debate, que desestabilizou a esfera pública, lançou novas lentes para a educação básica, pôs em xeque os cursos de licenciaturas e deu ênfase às teorias críticas de educação focadas nos estudos culturais e na crítica pós-colonial (MIRANDA, 2013, p. 112).

Com base nessa reflexão de Miranda e no aparato de leis, percebemos que muito já se avançou, pois antes essa problemática era totalmente invisibilizada. Porém, cabe aos detentores e produtores de saberes refletir e dialogar para quebrar paradigmas estabelecidos e se propor ao desenvolvimento de um trabalho construtor de uma nova identidade relacional que dialogue de forma crítica com a política, a cultura e a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, realizamos uma investigação buscando compreender os desafios e possibilidades de práticas pedagógicas para a diversidade étnico-racial no ensino remoto em tempo de pandemia de COVID-19. Com esse intuito, para nos aproximarmos da realidade ora vivenciada coletamos informações de professores do ensino de História dos anos finais do ensino fundamental de uma escola de educação básica.

É imprescindível refletir sobre a diversidade étnico-racial no cotidiano escolar, pois é nesse espaço de construção do saber que encontramos também ações de desigualdades e discriminações que exigem um olhar e ações que promovam uma transformação de atitudes, valores e opiniões, tendo como ponte mobilizadora as práticas pedagógicas.

As práticas pedagógicas são elementos essenciais no processo de desenvolvimento do ensino e aprendizagem, uma mola propulsora que em meio a pandemia de COVID-19 visibilizou-se através dos relatos dos sujeitos envolvidos. O ensino remoto traz possibilidades, mas os desafios são constantes aos docentes, que a cada dia buscam uma ressignificação e uma reverberação ao desenvolvimento das aulas.

No que concerne às práticas pedagógicas com a diversidade étnico-racial no ensino remoto é ainda mais difícil em virtude dos poucos elementos disponíveis aos docentes para o desenvolvimento das aulas remotas. A falta de uma efetiva ação de integração entre todos que constitui a escola, a torna ainda mais distante dos objetivos propostos aos documentos norteadores de uma educação para a diversidade étnico-racial.

Para finalizar, falar sobre o ensino no contexto pandêmico ultimamente é muito debatido nas pesquisas científicas e parece até repetitivo, mas traz, em seu bojo, dimensões antes nunca experimentadas e que requer reflexões e a necessidade de se investigar as minúcias que compõem as práticas pedagógicas e relacioná-las ao contexto social, carregado de incertezas e que nos mais diversos universos de formação educacional, possam primar pela igualdade de direitos e desvelem situações que antes eram invisibilizadas,

como a questão especificamente da diversidade étnico-racial e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos. **Ensinar, Aprender, Aprender e Processos de Ensino**. Disponível em: <http://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Oficina-3-Desafios-do-trabalho-docente-na-avaliacao-processual-Conteudo-utilizado-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 8.035-B de 2010. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. **Diário Oficial**. Brasília-DF, 2010. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=831421&filename=PL+8035/2010. Acesso em: 02 nov. 2020.

_____. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Inclui no currículo oficial a obrigatoriedade da História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras e da Educação de Relações Raciais em toda a educação básica (pública e privada). Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, nos arts. 26-A e 79-B. **Diário Oficial**. Brasília-DF, 2003a.

_____. Lei nº10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira" e dá outras providências. **Diário Oficial**, Brasília, DF, 2003b.

CANAU, V. M. F. Multiculturalismo e educação: Desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. B; ANDAU, V. M. F. (Org). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.13-37.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estudos e pesquisas, informações demográficas e socioeconômicas**. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>. Acesso em: 03 de nov de 2020.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente profissional: Formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MIRANDA, Cláudia. Currículos decoloniais e outras cartografias para a educação das relações étnico-raciais: desafios político-pedagógicos frente à lei nº 10.639/2003. **Revista da ABPN**, Goiânia, v. 5, n. 11, p. 100-118, 2013.

MIZUKAMI, M.G.N. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. **Educação**. Santa Maria, v. 29, n.2, 2004, p.33-49.

MORA, Francisco. Ensinar bem é emocionar. **Revista Pedagógica Pátio**, 55(14). 2010. Disponível em: <https://loja.grupoa.com.br/revistapatio/artigo/6329/ensinar-bem-e-emocionar.aspx>. Acesso em: 05 de set de 2020.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2ª edição. Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educação**, Curitiba, v.8, n.23, p. 195-205, 2008.

_____. **A hora da prática: Reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

PEREIRA, Maria Manuela Barros Aguiar. **Google Docs: uma experiência no Ensino Profissional**. 2009. Dissertação (Mestrado em Multimídia). Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. Centralidade da Didática e do Estágio nas Licenciaturas em Tempos Neoliberais. In: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino: Para onde vai a didática? 19., 2018, Salvador. **Anais**. Salvador, 03 a 06 set. 2018.

QUEIROZ, P. P.; NEVES, F. H. G. Sociologia escolar e culturas: Reflexividade crítica e educação intercultural. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, São Luís, 3, Número especial, p. 79-98, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal – das linhas globais e uma ecologia dos saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 79, nov. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYb-TRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 agos. 2020.

SANTOS, Ivone Aparecida. Educação para a diversidade: Uma prática a ser construída na Educação Básica. Universidade Estadual do Norte do Paraná – Campus de Cornélio Procopio. **Caderno Temático** – apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE, 2008.

SILVA, Roberta Herter da; JÚNIOR, Norberto Kuhn. Multiculturalismo, sociedades complexas e povos tradicionais: Uma perspectiva interdisciplinar. **Rev. de Humanidades**, Fortaleza, v. 32, n. 2, p. 295-304, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rh/article/view/7486/5557>. Acessado em 12 de jul. 2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.